John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

83a Doc.
A 76-100

NARRAÇÃO
DOS APPLAUSOS
COM QUE
O JUIZ DO POVO
E
CASA DOS VINTE-QUATRO
FESTEJA A FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA
ESTATUA EQUESTRE
ONDE TAMBEM SE EXPÕEM AS ALLEGORIAS
dos Carros, Figuras, e tudo o mais concernente
ás ditas Festas.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXV.
Com Licença da Real Meza Censoria.

KPJCB

EXPOSIÇÃO
DOS CARROS, SUAS FIGURAS, E ALLEGORIAS.

PARA fazer mais plauſivel, e ſolemne eſte Feſtejo, fez o Juiz do Povo, e Caſa dos Vinte-Quatro fabricar ſete Carros Mageſtoſos, ornados galante, e ricamente, para ſervirem de triunfo na celeberrima Inauguração da Eſtatua, e ſymbolizarem a Gloria, a que ſe vê elevado PORTUGAL, a impulſos da Beneficencia do ſeu MONARCA.

Dos ſete Carros, os quatro primeiros repreſentam as quatro Partes mais conhecidas do Orbe, a ſaber: EUROPA, ASIA, AFRICA, e AMERICA, que vem todas, como tão intereſſadas nos obſequios dirigidos ao noſſo REY, moſtrar o júbilo, que recebem, vendo eternizada a ſua Memoria pela erecção da-

quelle perduravel Monumento, e tributar-lhe rendidas os dons proprios de cada huma, em agradecimento dos muitos beneficios por ellas ſingularmente recebidos.

No Carro, que repreſenta a EUROPA, ſerve de primeiro Guia huma Figura, em que ſe ſymboliza a Gloria dos Principes. Irá ricamente veſtida, levando ſobre a cabeça hum círculo de joias, o cabello grande, e ſolto, hum ramo de louro na mão direita, e na eſpádoa, ou braço eſquerdo huma Tarja á maneira de eſcudo, e nella gravada huma Pyramide. Serve de ſegundo Guia outra Figura, em que ſe ſymboliza a Honra, como primeiro móvel das acções dos Principes, que ſe repreſenta em hum Mancebo robuſto, veſtido de purpura, cuberto com hum rico manto. Levará na cabeça hum elmo de ouro coroado de palmas, na mão direita huma haſtea de lança, e na eſquerda, ou enfeadas no braço, algumas coroas de louro, e zam-

bu-

bujo, nas coſtas huma Tarja, e nella dous Templos com a letra: *HIC TERMINUS HÆRET.*

Vê-ſe hum brioſo Cavallo (ſymbolo da Europa) ſobre a prôa do Carro: dentro deſte dez Muſicos inſtrumentiſtas, e igual numero de Dançarinos, todos maſcarados, veſtidos ricamente ao uſo Europeo, os quaes levaráõ nas mãos os dons para tributar, que hão de ſer das mais cuſtoſas producções deſte Continente. No cume da pôpa irá em pé ſobre hum Pedeſtal a Figura da Europa, repreſentada em huma formoſa Matrona trajada de roupas talares Reaes muito ricas, em cujos bordados ſe oſtentaráõ os primores das Artes, que neſta parte do Mundo ſe exercitam; coroa na cabeça, e manto Imperiaes, demonſtrativo de ſer a Europa a mais nobre, e ſenhora das outras partes; na mão direita hum Templo, na eſquerda hum Sceptro. No reſpaldo do Pedeſtal ſe vê hum troféo d'armas, e alluſões Eccleſiaſticas, e ſcientificas,

cas, para denotar que a Europa, e eſpecialmente eſte Reino, he o centro da pura Religião, e onde melhor ſe cultivam as Armas, e Sciencias.

Sobre as duas Volutas da pôpa vam duas Eſtatuas douradas: Na do lado direito ſe repreſenta Pallas, Protectora das Armas; na da eſquerda as Sciencias, e Artes Liberaes, e Mecanicas. Eſta Figura irá coroada de louro com huma eſtrella na cabeça, roupas talares, na mão direita hum prumo, e eſquadrio, na eſquerda alguns livros, as faſces conſulares, &c.

No ſegundo Carro ſe repreſenta a ASIA, que em razão dos vaſtos Dominios alli ganhados com immortal gloria pelos Portuguezes, vem neſta occaſião render ao ſeu, e noſſo MONARCA a devida vaſſallagem. Será pois o primeiro Guia huma Figura ſymbolo da Sujeição: Irá veſtida como as mais, que vam no meſmo Carro, ſem turbante na cabeça, e em lugar delle levará por coroa huma

ca-

cadeia, na mão direita hum Sceptro cingido com huma cadeia, nas eſpádoas, ou coſtas huma Tarja, e nella huma Torre atada com huma cadeia, e huma eſpada em ſima.

No ſegundo Guia deſte Carro ſe ſymboliza a Victoria, pelas muitas, que tem ganhado os Portuguezes ás Nações Aſiaticas. Irá ricamente veſtido, levará peito, e elmo de prata coroado de louro, e muitas plumas, manto encarnado, na mão direita huma palma, no braço eſquerdo, ou eſpádoas huma Tarja, em que ſe vê hum troféo d'armas deſtroçado, e em ſima a Clava de Hercules. Sobre a prôa vai hum Camelo guiado por hum Aſiatico, como ſymbolo deſta parte do Mundo. Dentro do Carro vam dez Muſicos inſtrumentiſtas, e dez Dançarinos maſcarados, veſtidos cuſtoſamente com trajes Orientaes; e ſobre hum Pedeſtal na pôpa do Carro vai a figura da Aſia, repreſentada em huma Dama coroada de flores, frutos, e eſpigas de tri-

go:

go: levará ſumptuoſos veſtidos com bordados de ouro, perolas, pedras, &c. Na mão direita hum perfumador, no qual queimará incenſo, e na eſquerda hum vaſo, em que o guarda, e hum ramo de palma com algumas tamaras.

O terceiro Carro repreſenta a AFRICA, onde o noſſo REY he conhecido, e reſpeitado nas mais incultas Regiões, pelos dilatados Dominios, que alli poſſue, e ſingular amor, e juſtiça, que debaixo do ſeu Governo experimentam aquelles Barbaros; os quaes temeroſos de provarem a crueldade de algum feroz Conquiſtador, ancioſamente ſolicitáram a paz com os Portuguezes, com cuja protecção vivem ſeguros. He pois o primeiro Guia huma Figura ſymbolica do Temor, que virá trajada da meſma ſorte, que os que occupam o Carro: ſobre o veſtido huma pelle de Cervo, e a cabeça deſte lhe ſervirá de capacete, (os olhos do Cervo ſerão rodeados de pennas encarnadas) nas coſtas, ou braço eſquerdo huma Tarja, e nel-

nella hum Alfange quebrado, e huns grilhões em ſima.

O ſegundo Guia he huma Figura, que repreſenta a paz, tão deſejada, e procurada deſtes timidos Nacionaes. Irá veſtida ricamente de branco, coroada de oliveira, e eſpigas de trigo, levando na mão direita o Caducêo, e no braço eſquerdo, ou eſpádoas huma Tarja, em que ſe vê huma Clava, e a ella atados hum Lobo, e huma Ovelha com eſtas letras: *PAX AUGUSTI.* Sobre a prôa vai ſentado hum Cafre negro, abraçado com hum dente de marfim, em ſinal das producções, e tributos daquelle Continente, e dentro do Carro dez Muſicos inſtrumentiſtas, e dez Dançarinos maſcarados, veſtidos pompoſamente á Africana. Na pôpa ſe vê hum Elefante, ſymbolo da Africa, e eſta ſobre elle ſentada em humas andilhas, a qual ſe repreſenta em huma Dama de côr preta, cabello revolto, quaſi nua, com huma cabeça de Elefante por capacete, arrecadas nas orelhas,

lhas, fio de perolas, e ramos de coral ao peſcoço, manilhas de ouro, e perolas nos braços, e pernas, na cintura hum rico panno, que lhe ſerve de decente compoſtura, aljava, e arco à tiracólo, na mão direita hum Eſcorpião, e na eſquerda huma Cornucopia cheia de flores, frutos, e eſpigas de trigo.

Repreſenta-ſe no quarto Carro a AMERICA, a qual pela exceſſiva abundancia das riquezas, que produz, e animo generoſo dos ſeus Nacionaes, terá por primeiro Guia a Figura da Generoſidade, veſtida como as que vem no Carro: trará coroa, que lhe cinja as pennas da cabeça, manto rico Regio, ſem aljava, nem arco, o braço direito nú, e na mão hum compaſſo, no braço eſquerdo, ou coſtas huma Tarja, e nella hum Leão de ouro, que volta huma Cornucopia de joias, e dinheiro. Serve de ſegundo Guia a Figura da Riqueza, que ſe verá opulentamente veſtida de habitos Reaes, manto bordado de joias, perolas, e dinheiros,

ros, &c. com huma riquiſſima coroa de joias na cabeça, na mão direita hum ſceptro, no braço eſquerdo, ou coſtas huma Tarja, e nella hum Cofre aberto, tão cheio de dinheiro, e joias, que traſbordem por fóra.

Na prôa ſe vê ſentado hum Cabouclo ataviado ao uſo do ſeu Paiz, com alguns frutos, aves, e animaes competentes. Dentro do Carro vam dez Muſicos inſtrumentiſtas, e dez Dançarinos maſcarados, veſtidos á Americana. Na pôpa ſe diviſa hum grande Jacaré, ſymbolo da America, ſobre o qual ella irá ſentada, na figura de huma Dama, de côr baça, quaſi núa, coroada, e cingida de pennas: de hum dos hombros lhe pende hum véo liſtado, e muito rico, com o qual ſe cobre decentemente; e do outro, pendente de hum precioſo tiracólo, huma aljava, na mão direita huma fréxa, na eſquerda o arco, debaixo huma cabeça humana paſſada com huma ſetta. Pela eſtructura do Carro irão figurados varios animaes, e aves do Paiz.

Os outros tres Carros são de Apollo, Oceano, e Portugal Triunfante.

NO primeiro ſe vê Apollo ſentado na Tripode, figurado em hum gentil Mancebo, de cabellos louros, com coroa de louro verde na cabeça, veſtido d'armas Europeas, e com huma roupa de livre compoſição de côr encarnada, eſtibaletes da meſma côr nos pés, na mão eſquerda a Lyra, e na direita arco, e fréchas, ſobre o hombro a aljava.

Dos dous lados deſte Carro ſe vem quatro Figuras, que são:

Parte direita.	*Parte eſquerda.*
AURORA.	TARDE.
MEIO DIA.	NOITE.

correſpondentes ás quatro partes, de que ſe compõe o dia, a que preſide Apollo.

A Aurora ſe figura em huma Mulher formoſa, de cabellos louros, com huma eſtrella na cabeça: ſerá veſtida de rou-

roupas talares encarnadas, levando na mão direita hum facho de fogo, e na esquerda algumas flores.

O Meio dia se representa em hum Homem de idade varonil, vestido de côr de ouro: trará na cabeça hum laurel de louro verde, na mão direita hum semicirculo, para o qual apontará com o dedo indice da mão esquerda.

A Tarde se figura em huma Mulher de meia idade, de côr não muito alva, cabello castanho, vestida de côr amarella escura. Levará na mão direita huma sedella, e cana de pescar, e na esquerda hum ramo de campainhas amarellas, e ao pé alguns peixes.

A Noite he representada por huma Mulher de côr macilenta, cabellos negros, e sobre elles huma coroa de dormideiras. Levará vestida huma roupa talar azul com estrellas brancas, levando na mão direita hum facho de fogo, e apontando com a esquerda para o chão, e ao pé huma Coruja.

Todo eſte Carro ſerá guarnecido de verde, eſmaltado de ouro, e prata. Os ſeis Cavallos, que por elle pucham, ſerão cubertos de telizes verdes guarnecidos de prata: os jaezes ſerão da meſma côr, e guarnição; e as rodas do Carro golpeadas com folhas verdes.

O ſegundo Carro he occupado pelo Oceano, e Thetis. O Oceano ſe repreſenta em hum Homem ancião de barbas compridas, e cabellos caſtanhos claros: ſobre a cabeça hum Diadema moral, na mão direita o Tridente: irá quaſi nú, mas com huma capa ligeira verde. Thetis ſe figura em huma Mulher formoſa de meia idade, cabellos brancos. Irá ſentada, e veſtida com huma roupa verde, ſemelhante á do Oceano. Vem neſte Carro quatro Ninfas com ſuas offrendas proprias das Regiões, que habitam,

As quaes são

GALATHÉA. TAGIDE.
EPHEDRIADES. NAYADA.

Ga-

Galathéa he repreſentada por huma Mulher formoſa, de cabellos louros, veſtida com huma roupa curta azulada, que lhe não cubra os braços, e peitos: nas mãos terá huma baixella, na qual traz algumas peças d'ouro, e prata.

Ephedriades ſe figura em huma Mulher formoſa, de côr rubicunda, cabellos ruivos, veſtida de côr vermelha, trazendo nas mãos huma arvore de coral.

Nayada ſe demoſtra em huma Mulher de meia idade, clara, cabellos azulados, roupa talar côr de prata: e nas mãos trará huma concha cheia d'aljofares, e fios de perolas.

Tagide figura-ſe em huma Mulher de aſpecto alegre, cabellos caſtanhos, veſtida de côr verde ſingela, e ao pé huma Tartaruga, e Buzios.

Na almofada vai ſentada a Figura do Téjo, o qual ſe repreſenta em hum Homem baſtantemente velho, veſtido com huma veſte curta, e juſta, golpeado de conchas azues, e com huma capa amarel-

la : ſobre a cabeça terá huma concha, e nella, em lugar de plumas, varias eſpadanas. A almofada ſerá azul eſquartelada de prata.

A Figura do Guia, ou Mochila repreſenta o Douro, que em tudo imitará a Figura do Téjo, porém não terá barbas.

Na frente do Carro ſe vê hum Tritão de eſtatura corpolenta com meio corpo de Homem, e meio de Sereia, e com duas caudas cheias de conchas. Levará ſobre a cabeça hum laurel de folhas de Golfão, na mão direita hum Buzio, em acção de o tocar.

Os ſeis Cavallos, que tiram por eſte Carro, ſerão cubertos de redes azues eſquarteladas de prata: as rodas ſerão enlaçadas de conchas, peixes eſpadas, e ſafios, e todo o Carro em ſi prateado, e eſcurecido d'azul eſcuro, com algumas conchas côr de roſa, e amarellas.

Neſte Carro vam Poetas, e vinte e quatro Muſicos inſtrumentiſtas, por ſer

de

dedicado a Apollo, que he o Protector destas duas Artes. Pela banda de baixo do Carro haverá seis janellas, donde se irão deitando pelas Ruas, e Praças toda a qualidade de Versos, que houver. E de cada hum de todos os outros Carros se irão da mesma fórma deitando as respectivas Allegorias, e Explicações.

No terceiro Carro se representa Portugal Triunfante, pela protecção das Sciencias, e Artes Liberaes.

Portugal se figura no Heroe sentado sobre o Throno, vestido d'armas Europeas, roupa talar, capa magna carmezim forrada de pelles, elmo dourado na cabeça, sobre elle huma Serpente, e hum laurel de louro verde, na mão direita o Sceptro de ouro, e na esquerda o Escudo com as Quinas de Portugal. Immediatas a elle se vem quatro Figuras, que representam as quatro Virtudes.

JUSTIÇA. AMOR DA PATRIA.
BENIGNIDADE. LIBERALIDADE.

A Juſtiça ſe repreſenta veſtida toda de huma roupa talar branca, com eſpada na mão direita, e na eſquerda as balanças. Levará hum collar de ouro, e nelle pendente hum olho.

A Benignidade ſe figura em huma Mulher veſtida de roupa talar de côr azul, eſpremendo os peitos com as mãos. Ao ſeu lado eſquerdo ſe vê hum pedeſtal marchetado de eſtrellas de ouro, e ſobre elle huma chamma de fogo.

O Amor da Patria he figurado por hum Mancebo vigoroſo, veſtido como os Soldados Romanos, de armas azues, aos pés varias armas, na mão direita huma coroa de Grama, e na eſquerda huma de Quercia.

A Liberalidade ſe figura em huma Mulher veſtida de branco, e com huma Aguia na cabeça: na mão direita terá hum compaſſo, e huma cornucopia cheia de flores, e frutos.

Na frente do Carro , viradas para o Heroe, ſe moſtram as Artes Liberaes, rendendo-lhe vaſſallagem.

MATHEMATICA. ARQUITECTURA. COMMERCIO. PINTURA. HISTORIA. ESCULTURA.

A Mathematica ſe finge ſer huma Mulher de meia idade , veſtida de hum véo branco tranſparente, com azas na cabeça. Na mão direita terá hum compaſſo, moſtrando medir huma taboa, e neſta deſenhadas algumas figuras geometricas : na mão eſquerda o Globo Terraqueo, e no cinto bordadas algumas figuras geometricas.

O Commercio ſe repreſenta em hum Homem veſtido cuſtoſamente de azul claro , e côr de roſa , imitando as antigas veſtes de Portugal. Na mão direita huma cornucopia de frutos, e flores, e na eſquerda o Caducêo de Mercurio, e huma bolſa de dinheiro: aos pés huns poucos de Livros abertos com algariſmos de contas.

A Hiſtoria figura-ſe em huma Mulher com azas, veſtida de branco, a qual terá hum Livro aberto, onde moſtra eſcrever. Junto a eſta Figura ſe vê a de Saturno, e ſobre elle eſtará o Livro, onde ſe eſcreve.

A Arquitectura he repreſentada por huma Mulher de cabellos louros, com os braços nús, veſtida de côr cambiante, e terá em huma das mãos hum prumo, compaſſo, e eſquadrio, e na outra hum papel com plantas, figuras de capiteis, e columnas.

A Pintura ſe repreſenta em huma Mulher formoſa, de cabellos negros, eſpalhados em gracioſa compoſição, com huma cadeia de ouro ao peſcoço, na qual ſe vê pendente huma maſcara, na téſta huma ligadura, e nella eſcrito *IMITATIO*: em huma das mãos pincel, e na outra a palheta, e tintas.

A Eſcultura he figurada em huma Mulher formoſa, veſtida de côr de roſa, o adorno da cabeça negligente, e ſobre

ella

ella terá hum ramo de louro verde: terá a mão direita ſobre huma Eſtatua, e na outra hum martélo de bocas, e huns ponteiros.

Por deſpojo do Triunfo ſe vem prezas nos lados do Carro quatro Figuras, que repreſentam a

DISCORDIA. IGNORANCIA.
FUROR. HYPOCRISIA.

Figura-ſe a Diſcordia em huma Furia infernal, veſtida de varias cores, com a cabeça eſgadelhada, cujos cabellos ſerão cobras: terá na téſta huma cinta enſanguentada, e no regaço huma tira de papel, em que eſteja eſcrito *ENREDOS*.

O Furor he figurado por hum Homem de aſpecto terrivel, e furibundo, o qual terá nos olhos huma venda, e debaixo de ſi algumas armas, como lanças, eſpadas, &c., os braços nús, o veſtido juſto, e curto, e toda a Figura mal compoſta.

A Ignorancia he reprefentada por huma Mulher corpulenta com os olhos vendados, orelhas compridas, e agudas, na cabeça coroa de dormideiras, virá defcalça, mas veftida fumptuofamente de côr de ouro, e na mão direita huma cana.

Figura-fe a Hypocrifia em huma Mulher magra, e pállida, veftida de eftamenha parda, rota em muitas partes, com a cabeça inclinada para baixo, fobre a qual trará hum véo, que lhe cubra toda a cara: terá o braço efquerdo veftido, e o direito nú, no regaço humas contas groffas, e hum Livro aberto: os pés ferão de Lobo.

Na frente do Carro, virada para fóra, fe vê a Fama publicando o Triunfo.

Figura-fe a Fama em huma Mulher formofa com azas nas coftas, huma trombeta na mão direita, e na efquerda hum ramo de oliveira. Será veftida de roupa branca curta, apertada com hum cinto de ouro, e pendente delle hum coração.

Na

Na almofada vai ſervindo de Cocheiro a Figura da Prudencia.

Eſta ſe repreſenta em huma Mulher veſtida de azul eſcuro, com capacete dourado, cingido de folhas de eſpadana: em huma das mãos huma Serpente com hum eſpelho uſtorio, e na outra huma ſetta: ſerá calçada com eſtibaletes de fitas roxas.

De Mochila, ou Guia ſerve Mercurio, enviado pelos Deoſes,

O qual ſe figura em hum Mancebo de veſtido juſto, e cambiante, huma capa amarella traçada, capacete dourado, com azas, e nos pés eſtibaletes de fitas azues.

Todo eſte Carro ſerá dourado, e os raios das rodas imitando lavaredas. Será tirado por oito Urcos brancos, cubertos de tellizes encarnados, eſquartelados de ouro, e jaezes do meſmo.

REGULAÇÃO DAS DANÇAS,

Que acompanham os Carros, e ſeus veſtuarios.

PRimeiramente o Carro de PORTUGAL TRIUNFANTE ſerá acompanhado de trinta maſcaras de cavallo, veſtidos ricamente, ſeis dos quaes tocaráõ alguns inſtrumentos bellicos.

Cada hum dos outros ſeis Carros ſerá acompanhado de oito maſcaras de pé, igualmente bem veſtidos.

As mulheres das Danças ſe dividem em quatro Ranchos, a ſaber: O do Campo de Santa Anna, que acompanharáõ o Carro da America: O da Ribeira do Peixe, que acompanham o Carro d'Africa: O das Hortelôas, que acompanhará o Carro d'Aſia: E o das Collarejas, que acompanhará o Carro da Europa. Nunca ſe apartará cada hum deſtes Ranchos do ſeu reſpectivo Carro, tanto pelas Ruas, como na Praça do Commercio. Os ſeus veſtidos são da maneira ſeguinte.

As

As do Campo de Santa Anna veſtem roupinhas azues, e ſaias côr de roſa á Camponeza, tudo agaloado de ouro: na cabeça coifas côr de roſa bordadas de prata, e chapellinhos brancos redondos, com laços de fitas pendentes. O calçado deſtas, e das mais todas, ſerão irmão da côr do veſtuario.

As da Ribeira do Peixe trajam á Heſpanhola, de branco, e preto, com mantilhas brancas agaloadas de ouro, e as roupinhas de prata, coifas brancas bordadas de ouro.

As Hortelôas trajam todas de côr verde com galões de ouro, coifas verdes bordadas do meſmo, bandas de flores a tiracólo, e ramalhetes nas mãos.

As Collarejas veſtem ſaias azues, e roupinhas côr de roſa, tudo agaloado de prata, coifas azues bordadas do meſmo, e arcos de flores nas mãos.

DESCRIPÇÃO DA ORDEM,

Em que hão de marchar os Carros, e Danças para a Praça do Commercio.

NO dia ſete de Junho, pelas tres horas da tarde, ſahiráõ os Carros, e Danças do largo immediato ao Paſſeio público, e marcharáõ para a Praça do Commercio na ſeguinte ordem.

Irá adiante o Carro da AMERICA, ſeguido de ſua já apontada Dança do Campo de Santa Anna, e eſcoltado dos ſeus oito Comparſas, ou Maſcaras de pé. Logo depois o da AFRICA, acompanhado da meſma fórma pelos ſeus Comparſas, e Dança da Ribeira do Peixe. Immediato a eſte o da ASIA, tambem ſeguido dos ſeus Comparſas, e Dança das Hortelôas. E ultimamente o da EUROPA com o meſmo ſequito, Dança das Collarejas, e ſeis Comparſas a cavallo. Seguir-ſe-ha depois deſte o Carro de APOLLO, rodeado dos ſeus oito Maſcaras de pé. Logo o do Oceano, aſſim meſmo acompanhado. E

em

em ultimo lugar o de PORTUGAL TRIUNFANTE, com a comitiva dos ſincoenta Maſcaras de cavallo. Neſta ſerie caminharáõ pela Rua Auguſta até á Praça do Commercio, onde, logo que chegarem, irão desfilando deſte modo: A AMERICA occupará o angulo eſquerdo da Praça, para a banda da Cidade; o da AFRICA o direito da meſma banda; o da ASIA o angulo eſquerdo da banda do mar; e o da EUROPA o direito. Além deſtes, o Carro de APOLLO ficará por detrás da ESTATUA EQUESTRE; e o do OCEANO occupará o lado eſquerdo da meſma. Ficaráõ pelo referido modo parados todos os Carros nos lugares aſſinados, cada hum com a comitiva de Dança, e Maſcaras, que trouxe, que nunca ſe affaſtaráõ delles. Neſte tempo os ſincoenta Comparſas, que precedem o Carro de PORTUGAL, chegando ao Arco Triunfal á entrada da Praça, ſe dividem todos em duas iguaes, e bem concertadas alas, pelo meio das

quaes paſſará para a Praça o Carro, e ficaráõ as ditas fileiras perſiſtindo nos meſmos lugares, em que ſe formáram, até que outra vez o Carro ao ſahir paſſe por entre ellas. O que feito, o acompanharáõ unidos como á ida. Quando eſte Carro chegar ao lado direito da ESTATUA, ſe dará princípio no de APOLLO a huma ſynfonia, que logo acompanharáõ os Muſicos dos quatro Carros dos angulos. Acabada ella, ſe moverá o Carro de PORTUGAL a fazer as ſuas continencias, paſſando por diante da ESTATUA, e voltará para o ſeu lugar. Seguir-ſe-ha o Carro do OCEANO, que feita a meſma venia, voltará a occupar o ſeu poſto; e ultimamente irá fazer as continencias o Carro de APOLLO, no qual tocaráõ ſempre os inſtrumentos, até que volte ao ſeu lugar; onde, tanto que chegar, ficaráõ em ſilencio.

Seguem-ſe immediatamente as venias dos quatro Carros angulares; dos quaes ſerá o primeiro a fazellas o da EUROPA,

de-

depois o da ASIA, logo o da AFRICA, e ultimamente o da AMERICA.

As continencias deſtes Carros ſe faráõ, parando cada hum delles defronte da ESTATUA em diſtancia competente; e deſcendo delles os Dançarinos a fazer venias, as faráõ tambem as Mulheres da reſpectiva Dança; e findas humas, e outras reverencias, começaráõ ellas o ſeu baile, e elles a dança, acompanhando os inſtrumentos do ſeu Carro; e finda a dança, recolhidos os Dançarinos ao Carro, volta eſte ao ſeu poſto, e dá lugar a que os outros façam o meſmo.

Acabadas as continencias de todos os ſete Carros, ſe começa no de APOLLO huma ſynfonia continuada pelos Muſicos dos outros, como no principio; e finda eſta, ſahem da Praça, guardando as meſmas precedencias, e ordem, que trouxeram á entrada.

FES-

FESTIM

Da noite 6 de Junho, e ſeguintes de 7, e 8.

O JUIZ DO POVO, e DEPUTADOS da Caſa dos Vinte-Quatro eſtarão na Sala deſtinada, cada hum no ſeu lugar devido, ás oito horas da tarde do dia ſeis de Junho. Começaráõ a Acção por huma Sonata, que executaráõ os Muſicos: no fim da qual, levantando-ſe o Juiz do Povo, recitará huma Oração Gratulatoria em obſequio da feliciſſima Inauguração, cujo fim, e remate, que he o Verſo de Acclamação:

Viva JOSÉ AUGUSTO, Viva, Viva,

repetiráõ todas as Peſſoas, que eſtiverem na Sala, e o repetirá tambem a Muſica, com os outros tres Verſos do Eſtribilho; e no fim deſte, calada a Muſica, ſe levantará outra vez o Juiz do Povo, e recitará a ſua Ode; a qual acabada, re-

pe-

petirá a Muſica outra vez os quatro Verſos do Eſtribilho, e executará a primeira Eſtrofe do Hymno. Concluida eſta, e o ſeu Eſtribilho, ſe levantará o Eſcrivão do Povo, e recitará os Verſos, que lhe competirem: o que tambem logo ſucceſſivamente farão mais dous Deputados. Depois executa a Muſica a ſegunda Eſtrofe, e Eſtribilho; no fim do que, outros tres Deputados repetem da fórma ſobredita os ſeus Verſos; e aſſim ſe vam alternando no fim de cada Eſtrofe tres recitações de Verſos, até ſe findar o Hymno, e todos os Deputados repetirem os Verſos, que lhes tocar.

Nos intervallos deſta Acção poderáõ as Peſſoas, que a ella aſſiſtirem pelos Bilhetes diſtribuidos, ir tomar refreſcos a tres Mezas, que eſtarão para eſſe fim compoſtas, e patentes em huma das Salas. Acabada porém toda a função da Muſica, irão as Peſſoas todas, que com os referidos Bilhetes tiverem aſſiſtido, tomar a Colação ás ditas Mezas: e logo

de-

depois ſe começaráõ Danças , e Contradanças, que finalizaráõ ao romper da Alva. Nas ſeguintes duas noites, depois de acabado o fogo da Praça , ſe repetirá o meſmo. Nellas ſe não recita Oração , Verſos , nem ſe executa o Hymno da primeira ; mas a Muſica dirá o que lhe parecer, antes de ſe começar a Colação, e as Danças, com que ſe conclue o Feſtejo.

HY-

HYMNO, ODE,

E

ORAÇÃO GRATULATORIA

PELA

INAUGURAÇÃO

DO

REGIO MONUMENTO.

c

ORAÇÃO GRATULATORIA,

QUE RECITA O MUITO HONRADO JUIZ DO POVO NA CASA DOS VINTE-QUATRO.

I

CHEGOU em fim, Honrados Companheiros, o fauſtiſſimo, e ſuſpirado dia, em que podemos todos os fieis Vaſſallos do noſſo Amabiliſſimo MONARCA deſabafar os vivos ſentimentos, que nos tranſportam. Tantos eram, e tão grandes os beneficios, que da liberal Mão do SOBERANO ſe tinham derramado ſobre o ſeu Povo, que forçoſamente exigiam da noſſa parte, não hum agradecimento equivalente de ſi meſmo impoſſivel, mas ao

menos huma lembrança perduravel, que teſtemunhaſſe á Poſteridade a noſſa Gratidão. Tudo quanto viamos, e diſcorriamos eram pungentes eſtimulos, que nos impelliam ſem ceſſar a que rompeſſemos hum ſilencio, que podia manchar a pureza do noſſo reconhecimento no conceito das Nações mais civilizadas, que talvez já nos arguiam de inſenſiveis, e deſconhecidos ao melhor dos Principes.

2 Tinhamos diante dos olhos hum Reino, que elle achou decadente, exhauſto, e falto de tudo o que coſtuma augmentar os Póvos, ſubido pelas ſuas Providencias ao maior auge de gloria, e de felicidade: Aquelle antigo credito, e fama do nome Portuguez quaſi extincto, outra vez reſpeitado pelo reſtablecimento das Letras, e inſtauração da Univerſidade, pela protecção das Artes, pela diſciplina, e luzimento das Armas, que a longa paz tinha ſem razão deixado cubrir de pó, e de ferrugem. O Commercio, a Lavoira, e as Manufacturas, ou

per-

perdidas, ou até então desconhecidas entre nós, de novo prosperas, e florecentes. A Justiça, pelas suas saudaveis, e prudentes Leis, administrada com perfeita igualdade a Grandes, e a pequenos, d'antes opprimidos com o orgulho dos poderosos.

3 Estes, e outros muitos eram os beneficios geralmente espalhados sobre o Reino todo. Porém quantos mais não foram os que recebeo a nossa Lisboa? Apenas a lamentavamos sepultada entre montões de ruinas a impulsos d' hum dos mais horriveis Fenomenos, quando em lugar de huma Cidade de barro, despojo do furor dos Elementos, vimos de repente levantar-se outra fabricada de marmores, cheia de sumptuosos edificios, composta de formosissimas, e bem rasgadas Ruas, vistosas Praças, e soberbos Templos. O novo Plano de administração, e arrecadação da Fazenda, e Patrimonio Real commettido a hum Ministro de conhecido zelo, e patrioticas Virtudes, e a Sogeitos

de

de incorrupta fidelidade. A Creação do Cenſorio Tribunal, erigido para deſterrar as trévas da ignorancia, e illudir as invectivas da ſuperſtição. Hum ampliſſimo Celleiro deſtinado a manter neſta Cidade a abundancia contra os ſordidos intereſſes dos monopoliſtas. Mas para que he fatigar as voſſas attenções? Que lugar ha aqui para onde encaminhemos os paſſos, para onde voltemos os olhos, que não nos offereçam monumentos da Piedade, do Affecto, do Cuidado, e da Vigilancia do noſſo AUGUSTISSIMO REY? Aſsás o teſtemunham a frequencia dos Paſſeios, e públicos Eſpectaculos; a nobre Arquitectura de perennes Fontes, a bem regulada Policia, que nos aſſegura de nocturnos inſultos, e ſuffoca a voracidade dos incendios; a ampla, e magnifica Doação, com que o Hoſpital Geral já não fica ſendo o ultimo, e mais calamitoſo refugio das miſerias humanas; porém hum aſylo cómmodo, e digno da mais util, e neceſſaria porção do Eſtado.

Ca-

4 Cada hum deſtes favores baſtaria ſó para eternizar o nome de qualquer Monarca, e fazello denominar o *PAI DA PATRIA*; mas o maior, que devemos ao noſſo Amabiliſſimo SOBERANO, he a eſcolha que fez de hum Varão capaz de deſempenhar os ſeus vaſtos deſignios: para cujo importante acerto, guiado do Paternal affecto, com que ama o bem dos ſeus Vaſſallos, e da Luz ſuperior, que a Providencia infunde naquelles, a quem confia o governo dos Póvos, achou na Peſſoa do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo MARQUEZ DE POMBAL hum Coração amoldado ao ſeu Regio Eſpirito, e cheio de hum ardente amor á Patria, pela qual não tem poupado diligencia alguma para elevalla ao cume de proſperidades que admiramos. Nem póde duvidar-ſe, que todas as que poſſuimos ſe derivam do completo conhecimento, que o SOBERANO teve dos raros talentos daquelle incomparavel Miniſtro, que já mais deixou de dar glorioſo remate a todas as dif-

difficeis, e arriſcadas emprezas, que huma vez intentou, ſem que o aſſombraſſem ferozes monſtros, e nem aquelles nefandos Individuos, cujas cabalas, e até então inexcrutaveis intrigas tinham por mais de dous Seculos poſto grande parte do Orbe conhecido na mais dura, e infame eſcravidão. Seguro elle, e apoiado na Vontade do Principe, que ſó deſejava a perfeita felicidade do ſeu Reino, e ſuſtentado pela conſtante Virtude, calcou intrepido, e triunfou de todos os quaſi invenciveis obſtaculos que o embaraçavam.

5 Não menos que a eſtreita obrigação, em que nos punham tão multiplicados favores recebidos por nós, e eſpecialmente por eſta Cidade, accuſavam tambem o noſſo ſilencio o exemplo do que outras Nações tinham obrado em todo o tempo com os ſeus Monarcas, e ainda com os ſeus Generaes, (que talvez ſó deram á Patria hum vão titulo de Conquiſtadora de huma Provincia comprado

com

com innumeraveis thesouros, e rios de sangue dos Cidadãos, a quem com tudo se erigíram celeberrimos Padrões destinados a eternizar-lhes as suas memorias, depois de terem recebido honorificas acclamações, pomposos triunfos, e os mais lisonjeiros appellidos,) e despertava por momentos em todos os fieis Vassallos hum ardentissimo desejo de não parecermos desconhecidos a quem punha todas as suas delicias em fazer-nos venturosos.

6 O Egypto com suas vaidosas Pyramides; Roma com as suas elegantes Estatuas, elevadas Columnas, soberbos Obeliscos, famosos Anfitheatros, e até em fim com os seus fastosos Templos erigidos em obsequio dos seus Heroes, e Imperadores; daquelles mesmos, que ou se tinham só empregado em adquirir o nome de Conquistadores por meio das públicas oppressões, e calamidades; ou tinham vivido obscuramente sem gloria alguma; e ainda nos nossos tempos França, fazendo perpétuo o nome de Luiz o

Grande ; e Inglaterra ſolemnizando com perduraveis teſtemunhos as guerreiras acções do Duque de Malborough , ſimples particular , nos criminavam cada dia como ingratos a hum REY , que tinha empregado todo o tempo do ſeu ſempre memoravel Reinado em encher-nos dos maiores beneficios.

7 Hoje pois que reverentes , e agradecidos tributamos ao noſſo Bemfeitor , ao noſſo Pai , e em fim ao noſſo AUGUSTISSIMO SENHOR , e MONARCA o GRANDE JOSÉ I. hum tenue penhor da noſſa gratidão , eſculpindo no rijo bronze , e nos duros marmores aquelle , que já , ha muito gravado em noſſos corações , nos incita a hum amor , e reſpeito filial , devo congratular-me , e congratular-vos de que ſe reſervaſſe aos noſſos dias a honra de ver levantar eſte perpétuo Monumento á ſua Memoria. Exultemos todos com o mais vivo prazer , e ſejam noſſas feſtivas acclamações demonſtradoras daquelle intimo gozo , que reina em noſſos peitos alta-

tamente penetrados de hum juſto, e devido reconhecimento.

8 Eia, Honrados Amigos, e Companheiros, que participais igualmente de tanta dita, e de tanto júbilo, ajudai-me a applaudir o CLEMENTISSIMO PAI DA PATRIA, acompanhando os meus plauſiveis écos, e dizendo com a mais entranhavel alegria:

Viva JOSÉ Auguſto, viva, viva.

HYMNO

Para cantar-ſe por Muſica.

Coro I.

VIva JOSÉ Auguſto, viva, viva;
Pois que a noſſa geral proſperidade
Sómente ſe deriva
Da longa duração da ſua Idade.

C o r o II.

Sempre ſereno, e alegre
Venha eſte fauſto dia
Á Luſa Monarquia
Prazer, e gloria dar.
Febo largando as redeas
Aos nitidos cavallos,
Volte os Fieis Vaſſallos
Com elle a contentar.

C o r o I.

Viva JOSÉ Auguſto, viva, viva;
Pois que a noſſa geral proſperidade
Sómente ſe deriva
Da longa duração da ſua Idade.

C o r o II.

Do incenſo o fumo eſpeſſo
Não turve os limpos ares,
Nem vam puros Altares
As Victimas manchar.

Dos

Dos noſſos corações
Os fervoroſos votos,
Dos Aſtros mais remotos
Se façam eſcutar.

Coro I.

Viva JOSÉ Auguſto, viva, viva;
Pois que a noſſa geral proſperidade
Sómente ſe deriva
Da longa duração da ſua Idade.

Coro II.

Oh Tu, que o Mundo reges,
Se amas o vaſto Imperio,
Que em hum, e outro Hemisferio
Quizeſte a ti fundar:
Conſerva o Pai da Patria
O Juſto REY Clemente,
Que déſte á Luſa Gente
Por Numen Tutelar.

Co-

Coro I.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva;
Pois que a nossa geral prosperidade
Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

Coro II.

Conserva-nos Pombal,
Que o Reino, como Athlante
Nos hombros de diamante
Só póde sustentar.
He tudo o que gozamos
Fruto do seu trabalho;
He só deste Carvalho,
Que o Mel se vê suar.

Coro I.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva;
Pois que a nossa geral prosperidade
Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

Co-

CORO II.

Conſente pois que a Eſtatua
Do noſſo REY Auguſto,
E de POMBAL o buſto
Poſſamos venerar.
E chegue deſta ſorte
Em muda, e firme Hiſtoria
Sua immortal memoria
Do Tempo a triunfar.

CORO I.

Viva JOSÉ Auguſto, viva, viva;
Pois que a noſſa geral proſperidade
Sómente ſe deriva
Da longa duração da ſua Idade.

CORO II.

Por Ti os Reys governam;
E a tenue vaſſallagem
Rendida á ſua imagem,
Á tua cremos dar.

Os miſeros humanos
Com tenues ſacrificios
Tão grandes beneficios
Só podem compenſar.

Coro I.

Viva JOSÉ Auguſto, viva, viva;
Pois que a noſſa geral proſperidade
Sómente ſe deriva
Da longa duração da ſua Idade.

Coro II.

Seu Nome glorioſo
Dos bens, que em nós derrama,
Por vozes vá da Fama
Encher a Terra, e o Mar.
Hum Pólo, e outro ſejam
Limites inda eſtreitos;
E como em noſſos peitos,
Se faça no Orbe amar.

Coro I.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva;
Pois que a nossa geral prosperidade
Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

Coro II.

O REY benigno adorem
As gerações futuras,
Que mil, e mil venturas
Lhes soube preparar.
E nós que de as gozar
A dita feliz temos,
Aos Ceos já mais cessemos
Continuos de clamar.

Coro I. e II.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva;
Pois que a nossa geral prosperidade
Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

O D E.

FEliz exulta, ó Lyſia generoſa,
Feſtiva applaude a Gloria deſte dia;
E em vós harmonioſa,
Com doce melodia
Hymnos entoa ao teu MONARCA Juſto,
Mais pio, e excelſo, que o Romano Auguſto.

Pelo ſeu Regio braço vês proſtrados
Féros monſtros, que prêza te arraſtravam;
Os ferros vês quebrados,
Que infames te ligavam;
Reſtauras a perdida Liberdade,
Só te avaſſalla a ſólida Verdade.

De cativa te exaltas triunfante,
Hoje ao teu carro vês maniatadas
Com horrido ſemblante
Em correntes pezadas
A ſeva Hypocriſia ſanguinoſa,
A fallaz Ignorancia apparatoſa.

A Diſcordia, e o Furor embravecidos,
Que em teu ſangue crueis ſe apaſcentavam,
Que

Que os filhos mal unidos
Do ſeio te roubavam
Ao teu jugo a cerviz dura ſujeitam,
E tuas ſantas Leis hoje reſpeitam.

O fanatiſmo geme em duros laços,
Os veſgos olhos rábido torcendo;
Morde os ligados braços
Em furia inſana ardendo;
Não ſoffre a luz, que as mentes allumia,
E que as trévas converte em claro dia.

Grata por tanto beija a Mão potente
Do Grande REY, por quem cheia de gloria
Alças a altiva frente:
No Templo da Memoria
Ergue Altares a quem te exaltou tanto,
Com invejas do Orbe, e com eſpanto.

Ao DEOS Supremo votos fervoroſos
Faze por teu Magnanimo MONARCA,
A fim que numeroſos
Seculos, (ſem que a Parca
Da ſua Protecção ouſe privar-te)
Em tanta gloria poſſa conſervar-te.

SONETO

Para recitar o Eſcrivão do Povo.

SE vai de boca em boca hoje á porfia
O Auguſto Nome, com que Lyſia exulta,
Deſde onde o Sol nas aguas ſe ſepulta,
A encher os climas, em que naſce o dia:

Se hoje os peitos inunda de alegria
Eſta feſtiva acção viſtoſa, e culta,
Deve-ſe a gloria, que daqui reſulta,
Dos Vinte-Quatro á honrada Companhia.

Mas quẽ com mais fervor, com maior calma,
No applauſo ao Regio Monumẽto novo,
Deſte Corpo fiel moſtra ſer alma:

Quem, vencendo qualquer cuſtoſo eſtorvo,
A todos por ſeu zelo leva a palma,
He o digno, e incanſavel Juiz do Povo.

EPIGRAMMA

Para recitar o primeiro Deputado.

VE, Minerva, d'hum jacto ſó fundida
Com tanta perfeição a Eſtatua rara,
Que pezaroſa de faltar-lhe a vida,
Diligente a animalla ſe prepara:
O ethereo fogo já c'o a mão erguida
Hia a infundir-lhe; mas ſuſpenſa pára,
Por não querer ficaſſe deſta ſorte
Huma obra immortal ſujeita á morte.

Ao Muito Honrado Juiz do Povo.

DECIMA

Para recitar o ſegundo Deputado.

MOſtras, quando tanto augmentas
Do Auguſto REY o feſtejo,
Em ti cifrado o deſejo
Do Povo, que repreſentas.
Todos os meios inventas
De lhe applaudir a Memoria,
Chegando por ſua Gloria
Tão zeloſo até empenhar,
Que he juſto tenhas lugar
Tambem na futura Hiſtoria.

SONETO

Para recitar o terceiro Deputado.

COm estrella feliz, faustos auspicios
  A Estatua se levante ao REY Clemente,
  Por quem ergue Lisboa a altiva frente
  Ornada de soberbos edificios.

São tenues os votivos sacrificios,
  Que grata lhe tributa a Lusa Gente;
  Mas quaes serão, por mais, e mais q̃ invente,
  Dignos de compensar seus beneficios?

Fiando pouco da inconstante Historia,
  Porque vença dos Tempos o destroço,
  Lhe esculpimos em bronze a Memoria;

Mas ainda erigindo este Colosso,
  Se tem nisso a Nação a maior gloria,
  O mesmo obsequio he só proveito nosso.

OI-

OITAVA

Para recitar o quarto Deputado.

FOgem hoje das férvidas idéas
As elevadas frafes da Eloquencia;
Que quãdo eftam de gofto as almas cheas,
E fentem do prazer a vehemencia,
Correndo o quente fangue pelas veas,
Inunda o coração com tal violencia,
Que apenas clamar póde a voz feftiva:
Viva JOSÉ Augufto, viva, viva.

DECIMA

Para recitar o quinto Deputado.

DE JOSÉ a Mageſtade
Do metal moſtre a belleza,
Aſſim como na firmeza
Moſtra a noſſa lealdade:
Sómente á Poſteridade
Sirvam do bronze as lições,
Que a agradecer-lhe as acções,
Com que faz noſſas venturas,
Mal exprimem pedras duras
O que ſentem corações.

SONETO

Para recitar o sexto Deputado.

INda mais Portugal hoje te abonas,
Que quando as tuas horridas phalanges,
Voltando o fio aos barbaros alfanges,
Obráram as acções, de que blazonas:

Ou já provãdo ao Mũdo haver mais Zonas,
Cheio do invicto ardor, q̃ mal constranges,
Colheste as palmas no sagrado Ganges,
Ou viste a larga foz das Amazonas.

Então punhas em duro captiveiro
A rude tropa de salvagens vagos,
Ou talavas feroz hum Reino inteiro;

Hoje trocando as furias em affagos,
Grato ao q̃ deves a JOSÉ PRIMEIRO,
Fabrícas Monumentos, não estragos.

SONETO

Para recitar o ſetimo Deputado.

EM quanto a tibia luz eſcaſſa torna
Os nervoſos Cyclopes amarellos,
Que os golpes alternando dos martellos,
Fazem gemer a rigida bigorna:

Vulcano, na Officina vaſta, e morna,
Empenha diligente os ſeus diſvelos,
Por preparar ao Sol os raios belos,
De que hoje o Coche Mageſtoſo adorna.

Dia feliz, tu viſte o Naſcimento
Do amado REY em tudo ſem ſegundo,
Que he da Patria as delicias, e ornamento.

Dia feliz, ſempre em prazer fecundo,
Tu vês erguer-lhe agora o Monumento,
Que ha de durar quanto durar o Mundo.

SONETO

Para repetir o oitavo Deputado.

ENtrava afflicta nos Celeſtes Paços
A Magnanima ſombra envolta em lutos,
Do REY, cujo valor deixou por frutos
Na Maura Terra a Patria em duros laços.

Affonſo a chama, e nos invictos braços
Do ſeu paterno amor, dando tributos,
Lhe beija as faces, e olhos mal enxutos,
Conſolando-a dos fados ſeus eſcaſſos.

Por preparar (lhe diz) á Luſa Gente
A Idade de ouro, o q̃ os Deſtinos regra,
Quer q̃ eſte,e mais deſaſtres exprimente;

E correndo huma nuvem denſa, e negra,
JOSÉ lhe moſtra, e a Portugal contente;
E a ſombra, rindo, do ſeu mal ſe alegra.

SONETO

Para repetir o nono Deputado.

NO fundido metal, nos jaſpes duros,
Gravados aſſim como em noſſos peitos,
Poſſam do REY benigno os nobres feitos
Dos eſtragos do Tempo eſtar ſeguros.

Tributaráõ os ſeculos futuros,
Como nós,ao ſeu Nome iguaes reſpeitos,
Em quanto o Téjo nos dourados leitos
Retratar de Lisboa os altos muros.

E ſe a intensão ſincera dos affectos,
Naſcidos da geral proſperidade,
Não faz os noſſos votos indiſcretos,

Extenda o Ceo tão longe a ſua idade,
Que ſó os corações dos tardos netos
Venham della a ſentir a ſaudade.

SO-

SONETO

Para repetir o decimo Deputado.

ESTrangeiro, que o marmore examinas,
E aos pés do Regio Monumẽto Augusto
Pasmado vês o respeitavel Busto,
Em que descançam as sagradas Quinas,

He este o Heroe, que de prizões indinas
Livrou a Patria, e que constante, e justo,
Por ella, e por seu REY verá sem susto
Cahir do Mundo as ultimas ruinas.

Á sombra deste Bemfeitor CARVALHO,
Os louros da Sciencia, e da victoria
Crescem nutridos de abundante orvalho;

Convinha pois do REY á alta Memoria,
Que com quem repartia o seu trabalho,
Repartisse tambem a sua Gloria.

O I T A V A

Para repetir o undecimo Deputado.

HOje o Busto do Heroe, q̃ o Mundo estima,
Só por mostrar seu grato rendimento
Junto ao REY, que elle adora, a Arte aníma,
Ninguem julgue da Patria ser o intento
Fazer que a Imagem sua o bronze exprima,
Por livrallo do negro esquecimento;
Porq̃ o metal, que o tempo em fim consome,
Não dura mais, que ha de durar seu Nome.

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo
CONDE DE OEYRAS.

SONETO

Para recitar o duodecimo Deputado.

O Chefe Excelſo, generoſo, e ſerio,
Com que o Patrio Senado ſe acredita,
Dos ſeus maiores todo o zelo imita,
Que os faz famoſos n'um, e outro hemisferio.

Do Grande Pai o Sabio Miniſterio
Os Luſitanos Pôvos felicíta;
Fez remontar do Avô a mão invicta
As frouxas Aguias do opprimido Imperio.

Illuſtre Henrique, hoje q̃ ao REY Clemente
Dás do teu puro amor firmes abonos,
Delles te moſtras digno Deſcendente:

Fieis das terras aos Auguſtos Donos,
Naſceſte ſó, e a tua Heroica Gente,
Para honrar as Nações, dar gloria aos Tronos.

OITAVA

Para recitar o decimoterceiro Deputado.

DA justa gratidão por melhor fruto
Acceite o Augusto REY nosso desejo
Da antiga lealdade hoje em tributo:
Que supposto he agora este festejo
Ao muito que devemos diminuto,
O Mundo sabe, sabe o Patrio Téjo,
Que não dá do seu zelo exemplo novo
Dos Vinte-Quatro a Casa, e Juiz do Povo.

OITAVA

Para recitar o decimoquarto Deputado.

BAtendo as azas a ligeira Fama,
As trombetas empunha, e fende os ares,
E em toda a esfera aqui, e alli derrama
Do grande REY os feitos ſingulares:
Ao que ella do alto por cem bocas clama,
Reſponde a terra, e os ſubjacentes mares,
Repetindo com voz alternativa:
Viva JOSÉ Auguſto, viva, viva.

DECIMA

Para recitar o decimoquinto Deputado.

AO Sabio, e Juſto REY, que ama,
(Sem ter de ingrata o deſdouro)
Na frente o ſagrado louro
A Patria feſtiva enrama:
Se os incenſos não inflama
Pela ſua idade, e augmento,
He que com mais fundamento
Crê fazer os Ceos propicios
A voz dos ſeus beneficios,
Que o fumo, que eſpalha o vento.

DECIMA

Para repetir o decimoſexto Deputado.

HOje alegre Portugal,
Conduz da Memoria ao Templo
O ſeu REY dos Reys exemplo,
Que o Mundo não tem igual:
Eſſe fundido metal,
Dos tempos a furia rude
Vença, porque nelle eſtude
A tarda Poſteridade,
Que a bella Immortalidade
He o premio da Virtude.

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senado.

SONETO

Para recitar o decimoſetimo Deputado.

NÃo porque aos muros de Lisboa aſſoma
Exercito guerreiro em ſangue tinto,
Que contra a Patria de ambição faminto,
Nas ſacrilegas mãos as armas toma.

Não porque a Iberia, e a feroz Gallia doma,
Ou chora a ſorte de Pompeo extinto,
Merece obſequio, e nome mais diſtinto,
Quaes ao ſeu Oppreſſor tributou Roma;

Mas porque ao Povo, de que he tanto amado,
Do ſeu juſto Governo enchendo a méta,
Faz feliz, abundante, e reſpeitado:

Por iſſo agora com razão diſcreta
Ao PAI DA PATRIA o ampliſſimo Senado
A Eſtatua, e as honras immortaes decreta.

OITAVA

Para recitar o decimooitavo Deputado.

CElébre a Europa o Regio Monumento
De JOSÉ, erigido ás acções dinas;
Voe o noſſo geral contentamento
Aos incultos Certões das aureas Minas,
E do rude Africano macillento,
Paſſando aos Indos, e aos remotos Chinas,
Ouvir ſe faça em melodia altiva:
Viva JOSÉ Auguſto, viva, viva.

DECIMA

Para recitar o decimonono Deputado.

GRande REY, por ti já torna
Sobre a Terra a ſábia Aſtréa;
Por ti pródiga Amalthéa,
Pelo Reino a Cópia entorna:
O Téjo Ceres adorna,
De parras ſe croa o Douro;
E quando dás hum theſouro
Em tantos bens, que gozamos,
Só em bronze te pagamos
A mais bella idade de ouro.

Ao Muito Honrado Juiz do Povo.

DECIMA

Para recitar o vigeſimo Deputado.

TÃo fervoroſo te empenhas
Neſte applauſo Regio, e novo,
Que de Honrado Juiz do Povo,
Bem o lugar deſempenhas:
He forçoſo que hoje tenhas
A maior ſatisfação,
Vendo a eſta nobre acção
Tão condigno o teu feſtejo,
Que enches o goſto, e o deſejo
De toda a Patria, e Nação.

EPI-

EPIGRAMMA

Para recitar o vigesimoprimeiro Deputado.

DO REY hoje á Clemencia,
Quando o Povo fiel rende as primicias,
Imitando dos Ceos a Providencia,
Duplica o Nascimento;
Que se hum de Portugal fez as delicias,
Sirva o outro aos vindouros de ornamento.

Ao Muito Honrado Juiz do Povo.

EPIGRAMMA

Para recitar o vigeſimoſegundo Deputado.

JUlgando limitado
Em applauſo do REY qualquer diſvelo,
Quando todo inflammado
Na ſua Gloria, fallas com tal zelo,
Es por hum modo novo
Digno Juiz, e Interprete do Povo.

NA FELICISSIMA INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE DE ELREY NOSSO SENHOR DOM JOSÉ I. &c. &c. &c.

EUROPA.

ODE

REY digno de ſer REY, quando a Fortuna
Sceptro de Reys, e herança te negaſſe;
Dado do Ceo aos Luſos por Columna,
Que o ſeu amado Imperio ſuſtentaſſe.

REY exemplo de Reys, que brandamente
Em paz tranquilla os Póvos governando,
Te fazes invejar de eſtranha gente,
Que a Sorte ſujeitou a alheio mando.

Do teu diſvelo acceita o doce fruto,
Que te offerece a verdadeira Gloria:
Recebe, ó Grande REY, eſte tributo
Devido á tua ſingular Memoria.

Admira-te EUROPA, e te reſpeita,
E aos outros Reys te moſtra, qual modêlo,
Que a tua Monarquia aſſim perfeita
He obra do incanſavel teu diſvelo.

Gallia, para os ſeus Pόvos ver felizes
Gaſtáram no trabalho hum ſeculo inteiro
Os Henriques Auguſtos, e os Luizes:
Baſtou a Portugal JOSÉ PRIMEIRO.

Vejam induſtrioſos Inſulanos
Quem a ſeu intereſſe põe baliza:
Minerva educa os habeis Luſitanos,
Favor eſtranho Liſia não preciſa.

Républica maior, que a de Carthago,
Que o Mar deſtruidor por arte guarda,
Do teu Commercio tens vizinho eſtrago
Luſo Commercio em te vencer não tarda.

Canta Roma ſagrada o Grande Filho
Da Igreja, Defenſor tenaz, e juſto,
A quem com mais razão me proſtro, e humilho,
Do que o fizera a Ceſar, Tito, e Auguſto.

Tu, guerreiro Pruſſiano,
Vê a acerba, engenhoſa diſciplina,
Que ao robuſto mancebo Luſitano
Na ſocegada paz JOSÉ enſina.

Po-

Porém não vai, ó Reys, não vai turbar-vos
Na voſſa paz o ſatisfeito Luſo;
Eſtuda a defender-ſe, e auxiliar-vos;
Da generoſa gente he eſte o uſo.

Alli não vejo as guerras inteſtinas,
Que as entranhas dos Reinos dilaceram:
Lisboa, o que tiveſte de ruinas,
Foram os elementos, que as fizeram.

Mas prompta a Mão Auguſta, ſe diſvela
Para te erguer; Mão poderoſa, e forte:
O Téjo paſma, vendo-te tão bella;
Agora es de hum tal REY mais digna Corte.

Moſtra o teu Bemfeitor ao Téjo, aos Mares,
E aponta a mão, donde hum tal bem te veio:
Por gratidão he juſto conſervares
A ſua Imagem no formoſo ſeio.

Honrado Povo, em quem já mais ſe apaga
Da verdadeira fé o vivo lume,
Com quem o amor dos Reys nunca ſe eſtraga,
Fiel por lei, por genio, e por coſtume:

Segui o exemplo do melhor Vaſſallo,
Que deo ao melhor REY o Ceo benigno.
CARVALHO Illuſtre, o nome teu não calo,
Que não quero roubar-te hum louvor digno.

Em ti o REY confia, o REY deſcança
  Do pezo do Governo duro, e grave;
  E a teu zelo, por juſta confiança,
  Dos ſegredos do Throno entrega a chave.

O teu amor, a tua lealdade
  Deve ſervir de exemplo ao Mundo todo;
  Do Monarca o Favor, Graça, Amizade,
  Só aſſim ſe conſegue: he eſte o modo.

Amai, ó Povo, o REY, que aſſim vos ama,
  Unindo amor paterno ao Regio Officio;
  Se eterno beneficio em vós derrama,
  Dure a memoria, quanto o beneficio.

CONVOCA A EUROPA OS GENIOS FESTIVOS DO PAIZ, E AS DEIDADES MARITIMAS PARA VIREM APPLAUDIR O FELICISSIMO DIA, EM QUE SE COLLOCA A MEMORIA DO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO REY, E SENHOR NOSSO DOM JOSÉ I.

TAjedes lindas, que pizais do Téjo
As douradas arêas,
E dançais, das manhans no frefco enfejo
Altiffimas corêas:
Efmaltai as finiffimas grinaldas
De perolas fulgentes, de efmeraldas.
Vinde, Nynfas gentis, Naides bellas,
Deixai as claras fontes,
Cingidas de odoriferas capellas
As engraçadas frontes:
Vinde applaudir o mais fórmofo Dia,
Que vio nunca de Lufo a Monarquia.

Al-

Alvas Nereidas, lá do Mar profundo
  De aljofar cópia immensa,
  E os ramos do coral mais rubicundo,
  Apanhai sem detensa,
  Seja do vosso amor mimoso fruto
  Trazer ao Grande REY este tributo.
Harmonicas Serêas, que aos Amores
  Sobre os Delfins sentadas
  Cantais ao som das ondas seus louvores,
  Das ondas empoladas,
  Vinde do Invicto Heroe cantar a gloria,
  Que hoje eterna se erige na Memoria.
Tinheis acaso tão altas maravilhas,
  Quando outro Heroe cantastes,
  Por quem de troncos, de pintadas quilhas,
  Em Nynfas vos mudastes?
  Mais egregio vos presento,
  Mais digno de cantar, maior portento.
Eu sou EUROPA, que applaudir-lhe venho
  Seu Nome, e sua Gloria,
  A que seja immortal, hoje me empenho,
  Esquecida a memoria
  Pelo Inclyto REY dos Lusitanos
  Desses famosos Gregos, e Romanos.
O meu culto paiz, onde Minerva
  Os thesouros reparte,
  Aonde a escola Militar conserva
  Intacta o fero Marte,
  Ao Grande JOSÉ mil dons offerece,
  Que nas Armas, e Letras resplandece.

Tu,

Tu, Apollo, de mais frondoſa rama
No Menalo cortada,
Coroa o Grande REY, ſeu Nome acclama,
Por ti ſeja cantada
Na refulgente cithara ſonora
A gloria d' hum Varão, que o Mundo adora.
Do meu brilhante carro á terra deſçam,
Em alternadas danças,
Os Genios do Paiz, mil voltas teçam
De lindas contradanças:
Veja-ſe o goſto, note-ſe a alegria,
Que nos influe tão plauſivel Dia.
Ditoſo Portugal, ditoſa Gente,
Que hum Seculo dourado
Tornou ao voſſo Reino decadente;
Tudo mudou d' eſtado,
As Artes do deſcuido enfraquecidas
São do Grande Monarca protegidas.
Vinde render goſtoſa vaſſallagem
Vós, ó nobres Sciencias,
Do Magnanimo REY na ſua Imagem
Colhei as influencias,
A luz do ſeu Retrato vos convida,
Do ſabio Original reproduzida.
Retribuí-lhe aquelle amor intenſo,
Que nelle ſempre exiſte,
Queimando de Pancaia o fino incenſo,
Em vaſos de Amatiſte,
Só deſte ſacrificio, he que preſumo,
Lhe ſeja grato tão cheiroſo fumo.

Vós, ó Artes Civis, que venturosas
Com tão sublime amparo,
Já mostrais, pelas obras primorosas,
Hum artificio raro,
Acclamai do Monarca os beneficios,
Que vos honra, e premea nos officios.
Largai o curvo arado, ó Lavradores,
E adornados de festa,
Vinde offerecer do campo as bellas flores
Na enramada cêsta:
Prostrai-vos ao Soberano, que vos rege,
Que a mesma Agricultura vos protege.
Se me fora possivel neste Dia,
Rendida lhe offertára
Tudo que o Potosì nas vêas cria,
Aos pés Reaes levára,
Quanto aníma Amalthea, e Flora impéra,
Quanto Tyro produz, quanto Ofir gera.
Fazei todos devido acatamento,
Quanto o respeito influe,
Áquelle, que a poder do nobre alento,
Vos ama, e vos instrue
Aquelle Pai da Patria, a cujo vulto
Sempre a Fama consagra honroso culto.
Elle do Luso Imperio firme Atelante
O pezo lhe sustenta,
Seu veneravel plácido semblante,
O mal vos affugenta;
E qual Planeta na luzida Esfera,
Nelle a Luz do Monarca reverbera.

No ſoberbo trofeo, que lhe edifica,
Se vê ditoſamente,
Que todo o ſeu amor lhe verifica
Eſte culto eminente;
Moſtra ao Mundo na Regia Arquitectura,
Que excede ao de Corintho na eſtructura.
Alli fez praticar primor tão raro,
Que faz o nobre invento
A Fidias paſmo, e ſuſpensão a Paro:
He unico portento,
Em que a gloria do REY ſe immortaliza,
E deſte Heroe o Nome ſe eterniza.
Acclamai do Monarca incomparavel,
Eſcolha tão prudente,
Que vos deo no Senado reſpeitavel
Tão douto PRESIDENTE,
A quem o Sabio Pai pela Doutrina
Famoſiſſimo Nome lhe deſtina.
Aquelle amavel, adorado CONDE,
Que nas acções egregias
Tanto á voſſa eſperança correſponde,
Agora nas mais Regias,
Nas mais notaveis provas d' alegria,
Augmenta o eſplendor da Monarquia.
Aos Nobres, e dignos Senadores,
Que Themis tanto préza,
Tributai mil obſequios, mil louvores;
Tal pompa, tal grandeza,
Applauſos tão diſtinctos, tão notaveis
Os deixaráõ nos faſtos perduraveis.

O Magnifico Juiz do fiel Povo
  Seja por vós louvado;
  Pois neste culto generoso, e novo
  Se tem tanto empenhado,
  Que o amor da Nação, em que se inflama
  Lhe dará nome no clarim da Fama.
Levai, Povo feliz, ramos frondentes,
  Do viçoso CARVALHO:
  Cingi das folhas por triunfo as frentes,
  A Aurora o fresco orvalho
  Sobre ellas lançou; mas de tal fórma,
  Que em perolas vereis que se transforma.
Dançai, Tajedes, Naides, Napeas,
  Com acorde harmonia:
  Cantai, Driades, Nynfas, e Serêas,
  Com doce melodia
  Repita a voz do gosto verdadeiro:
  Que viva o Invicto REY JOSÉ PRIMEIRO.

NA FELICISSIMA INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE DE ELREY NOSSO SENHOR DOM JOSÉ I.

&c. &c. &c.

ASIA.

ODE.

JUntem-ſe os votos da Aſia aos votos puros
Do Povo Luſitano.
Dos ſeculos futuros
Hum anno, e outro anno,
Até o derradeiro,
Honre a memoria de JOSÉ PRIMEIRO.
Téjo feliz, ſe o teu terreno abunda;
Se eu te dou vaſſallagem,
E America fecunda,
E Africa ſelvagem,
Tudo a JOSÉ ſe deve,
Tua fatal ruina elle ſuſteve.

Com

Com que mágoa te ouvi, inda me lembro,
O teu horrivel pranto
No terrivel Novembro!
Quem efperava tanto?
A Cidade perdida
Surge muito mais bella, e mais luzida.
A Poderofa Mão, que affim a adorna,
Tambem a mim fe extende:
Já fobre Afia entorna
Próvida graça: attende
Meu proximo perigo,
Vai a elevar-me ao explendor antigo.
Não do furor, mas da clemencia a arte
Lhe fegura a victoria
Do Mundo em toda a parte;
Terei por minha gloria
O feu jugo fuave,
Em quanto o Indo o meu terreno lave.
Não quer que com exemplo de Albuquerque,
Sobre rios de fangue
O feu poder fe alterque:
Evita o ver-me exangue.
Miniftro do feu zelo,
Tu vences co' a brandura, Illuftre Mello.
Terriveis Socios, pranteai a empreza,
Que deo a Mundo affombros,
Em quanto alta riqueza
Ponho do Téjo aos hombros,
Sem que ninguem impeça
Que eu ao Grande JOSÉ meus dons offreça.

Bri-

Brilhantes pedras, perolas luſtroſas,
Que o meu terreno cria,
As plantas virtuoſas,
A quente eſpeciaria,
Para quem as guardára?
A quem mais dignamente as offertára?

Fragrante aroma, em nuvens mande aos ares
Vivo agradecimento:
Tenha JOSÉ mais votos, mais altares:
Portuguezes, he pouco hum Monumento.
Por mil bocas, e mil repita a fama
Quanto o ſeu Povo, o fiel Povo, o ama.

VEM A ASIA
OFFERECER OS SEUS DONS AO MUITO ALTO, E PODEROSO REY, E SENHOR NOSSO DOM JOSÉ I.
NO FELIZ DIA DA SUA FAMOSA INAUGURAÇÃO.

ODE.

POr applaudir hum dia táo brilhante
Da Memoria feliz, que hoje ſe erige,
Oh Alto, e Grande REY dos Luſitanos
Com táo viſtoſo culto;

De táo diſtantes, táo remotas terras,
Lá onde naſce o Luminoſo Febo
Da branca Aurora nos mimoſos braços,
Venho, MONARCA Auguſto.

Vós,

Vós, que ſois acclamado em todo o Orbe,
Prudente, Sabio, Valeroſo, Invicto,
He juſto que da Aſia vos offereça
Riquiſſimos tributos.

Tendes no patrio Téjo arêas d'ouro,
Eſte metal a America tributa,
O candido marfim da aduſta Zona
Africa vos offerta.

Eu, que nos meus confins ſou bem ditoſa,
Das ricas producções da Natureza,
Quizera conduzir-vos reverente
Todo o meu vaſto Imperio.

As riquiſſimas perolas do Ganges,
E do Indo os rubins famigerados,
O mimoſo aroma, que na Arabia ſecca,
Se cria, e ſe congela.

Daquelle mar, que moſtra a côr do fundo,
Já de immenſas Eſquadras ſepultura,
O viſtoſo coral, que verde creſce,
E a luz do dia o córa.

A brilhante porção, Luzida maça,
Que a terra nas entranhas petrefica,
Aquelle brando orvalho, que ſuſtento,
Já foi de grandes póvos.

Do Cinnamomo as lagrimas cheirosas,
  E de Ceilão os agradaveis troncos,
  Cuja fragrancia serve de alimento
  Aos seus Agricultores.

Mais que tudo, ó MONARCA incomparavel,
  Eu vos offereço em tão formoso dia,
  Por credito da fé, que vos consagro,
  O collo ao feliz jugo.

Ao grande MARQUEZ, ao Grande Heroe,
  Cujo nome eterniza a longa Historia,
  Desta Inauguração sabio instrumento,
  Amante o reconheço.

O seu Retrato levarei nos braços,
  Para que as gentes saudosas vejam
  He aquelle o objecto tão famoso,
  Que lá por fé se adora.

Ao Filho Illustre deste Pai notavel
  O Magnífico CONDE, as suas prendas,
  Qualidades, e nobres attributos
  Rendida lhe respeito.

Aos Sabios, ditosos Senadores,
  Filhos prezados da formosa Astrea,
  Reverente me inclino, estes effeitos
  Do seu amor acclamo.

Repetirei o nome com vangloria
 Do honrado, e fiel Juiz do Povo,
 Que eſtes obſequios do MONARCA Auguſto
 Lhe devem tanto affecto.

Acclamai todos com plauſivel goſto,
 Aſiaticos Genios, Paraninfos,
 Os vivas do Famoſo, e ſempre Auguſto
 DOM JOSÉ o PRIMEIRO.

VEM AFRICA
APPLAUDIR O FELICISSIMO DIA DA FAMOSA INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.
SONETO.

VEnho, Invicto REY, venho attrahida
Do vosso Nome, que no Mundo impéra,
Da terra, que do Sol na ardente esféra
He dos raios intensos combatida.

Terra, em que aos habitantes intimída
Bramido horrendo da medonha féra,
Offrecer-vos com fé pura, e sincera
Tudo quanto Africano se appellida.

Hoje o vosso Oriente portentoso,
Que se adora, e se erige na Memoria,
Nos fará este dia o mais precioso.

Epoca feliz, brilhante Historia
Do Heroe Lusitano o mais famoso,
Do mais Soberano REY a maior gloria.

NA

NA FELICISSIMA INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE DE ELREY NOSSO SENHOR DOM JOSÉ I.

AFRICA.

ODE.

REino adquirido co' o valor do braço
De valentes Heroes, que eu não nomeio,
Que não cabendo neste curto espaço,
Do Mar rasgando o seio,
Ao meu Paiz adusto
Foram levar da Lisia o Nome Augusto.
Aqui me tens para os louvores prompta,
Do teu Grande JOSÉ, que assás merece;
Pois que a apagar dos Filhos meus a affronta
Quiz o Ceo que nascesse:
Só este beneficio
He digno d'hum eterno sacrificio.

Os outros Reis, e os vãos Conquiſtadores,
  Que me roubam, violentam, dilacéram,
  Ouçam agora altiſſimos louvores,
  Q'elles não merecêram;
  E os meus Filhos contentes,
  Honrem quem ſoube honrar d'Africa as gentes.
Remotos mares, praias mais remotas
  Solícito commercio gire, e traga
  Co'as minhas producções gravidas frotas:
  Inda aſſim lhe não paga
  Todo o ſeguro abono,
  Que recebeo do ſeu Auguſto Throno.
Como, aviſtando o avido milhafre,
  Tremem, e fogem fracos paſſarinhos,
  Fugia, e já não foge, o ſimples Cafre
  Dos aligeros pinhos,
  Vê-os, e ſe conforta;
  Eſpera o bem, que a veloz Náo tranſporta.
JOSÉ, Grande JOSÉ, tua brandura
  Faz mais prompta, mais facil a victoria,
  Que a mortifera arte, acerba e dura
  Q' faz d'outros a gloria:
  A Paz, que he do Ceo filha,
  Goſtoſa hoje, a teus pés Africa humilha.
Todo o Zaire ſoberbo a ti ſe proſtra,
  E os metaes uteis, que no ſeio encobre,
  Porque te ſirvam, voluntario os moſtra,
  O duro ferro, e o cobre:
  E Benguela ſubmiſſa
  Canta o favor da próvida Juſtiça.

Lis-

Lisboa, por louvor bem proprio e dino,
  Titulo novo em honra tua tome,
  Qual do Religioſo Conſtantino
  Tomou Byzancio o nome;
  Q'eu ſei que a fórma ſua
  Não he de Ulyſſes já, he toda tua.
Perante a Auguſta IMAGEM de joelhos
  Vou com ella adorar-te, e então me eſpanta
  O Venerando Heroe, cujos conſelhos
  A loquaz Deoſa canta:
  Elle interpréte as vozes,
  Que o ſeu cuidado fez menos ferozes.
Talvez que dos meus dons te não contentes;
  Manchadas pelles de manchados brutos,
  De Elefantes disformes groſſos dentes
  São dons mui diminutos:
  Outros te offreço muito mais humanos,
  Acceita o coração dos Africanos.

NA FELICISSIMA INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE DE ELREY NOSSO SENHOR DOM JOSÉ I.

AMERICA.

ODE.

POvo da Lisia, a America não soffre
Ser testemunha inutil, e ociosa;
Meu aurifero cofre
Eu vos offreço alegre, e generosa;
Embora seja exhausto,
Sirva á devida pompa, sirva ao fausto.
Não, não fizeram tanto os Soberanos,
A quem Estatuas deram tantas vezes
Os Gregos, e os Romanos,
Quanto JOSÉ tem feito aos Portuguezes:
Crédula a Antiguidade
Talvez o adoraria Divindade.

Por

Por Elle he que Lisboa ſe levanta,
D'entre as ruinas muito mais formoſa:
Por elle alegre canta
No Mondego a Sciencia glorioſa:
Por elle as uteis Artes
Vam inſtruir do Mundo as quatro partes.
Em honra de JOSÉ, REY Sabio, e Juſto,
Abri meu cofre, affortunadas gentes:
Tirai, tirai ſem ſuſto
O precioſo metal, pedras luzentes;
He voſſo o meu theſouro,
Formai-lhe a Eſtatua, não de bronze, d'ouro.
Vindouras gerações vejam goſtoſas,
Qual REY me tem polído, e tem honrado,
Dando-me as proveitoſas
Leis do Commercio, que ſuſtêm o Eſtado,
Por cuja providencia
A ſujeição foi goſto, e não violencia.
Qual de medonha ſerpe os duros dentes
Em armados Guerreiros ſe tornáram:
Aſſim polídas gentes
Eſpeſſas broncas arvores brotáram,
Das féras a morada
He dos novos vaſſallos povoada.
Dos ramoſos Coqueiros, e Pindobas
Fracas choupanas não eſtam pendentes;
Os Caciques, os Sóbas
Tomam Coſtume, e Leis das Luſas gentes;
Em civil ſociedade
Forma-ſe a Villa, forma-ſe a Cidade.

Settas, arcos, mortiferas zagaias
Do Americano os hombros não carregam:
São outras as alfaias,
Com que fervindo aoGrande REY fe empregam;
E a adeftrada Tropa
Já não inveja a difciplina á Europa.
Quanto trabalho cufta reduzillos
A julgarem-fe iguaes aos mais humanos!
Quanto cufta inftruillos
Da Fé nos mais reconditos arcanos!
Dar-lhes c'o a liberdade
Toda a fua maior felicidade!
Mas não trabalha fó o noffo AUGUSTO;
Ao grave pezo o ajuda o bom Mecenas,
Que em energico Bufto
Alli fe obferva: cantem-no as Camenas,
Participe CARVALHO
Affim da gloria, como do trabalho.

Povo da Lifia, a AMERICA pertende
Ter como no favor, no louvor parte:
Bem como a falladora Ave, que aprende
A humana voz a imitar com arte:
Enfina-me, q'eu quero em doce canto
Louvar o REY, a quem devemos tanto.

VEM A AMERICA
APPLAUDIR O FELIZ DIA
DA FAMOSA INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

O D E.

SOberano REY, a quem o novo Mundo
Com amor vos adora o mais profundo,
Hoje, que a Mageſtade
Na voſſa excelſa Gloria reſplandece,
Por goſto, e por vontade
Tudo vos obedece,
E eu por ſatisfação do meu deſejo,
Humilde aos Reaes Pés me proſtro, e bejo.

Do paiz dos antigos ignorado,
E hoje dos Europeos tão eſtimado,
Porque nas veias gera
Cópia infinita dos metaes brilhantes,
A fé pura, e ſincera
De immenſos Habitantes,
A goſtoſa cerviz vos ſacrifico,
E todos neſte Culto vos dedico.

Vós sois, Invicto HEROE, MONARCA Augusto,
Hum REY amado por Benigno, e Justo,
Todo o vasto Hemisferio
De hum Pólo a outro Pólo vos adora,
Vosso ditoso Imperio
De fórma se melhora,
Que a doçura de tão feliz governo
Vós fará, Grande REY, o Nome eterno.

Da vossa Gloria no famoso dia
Tudo respira amor, tudo alegria,
Tudo na terra exulta,
A denigrida horrida tristeza
O torpe influxo occulta,
Lá consome a fereza
Deixando, que exercite em liberdade
O gosto, o seu dominio na vontade.

Lá do clima, que nas montanhas cria
A rica pedra de maior valia,
A tributar-vos venho
Neste dia feliz, e venturoso,
Quanto possuo, e tenho.
Oh MONARCA Famoso,
Acceitai esta offerta reverente,
Pois dominais a Americana gente.

As mostras de alegria, que hoje ostenta
O Lusitano Povo, a gloria augmenta,
He certo que vos ama,

Pois

Pois neste grande obsequio, que contemplo,
Vossas acções acclama,
Dando ao Mundo exemplo,
De que hum REY com taes cultos exaltado,
He dos Vassallos ternamente amado.

O Inclyto Marquez, que nos seus Hombros
Sustenta o Reino entre mil assombros,
Heroe deste festejo,
Que tanto amor, e fé nos certifica,
Tambem a mão lhe bejo;
Nelle se verifica,
E por estes applausos se descobre,
Quanto póde o amor n' hum peito nobre.

O Illustrissimo Conde Presidente,
Que segue o amor do Pai tão fielmente,
Será tão acclamado,
Como merece Culto tão notavel:
O Supremo Senado,
Tão sabio, e respeitado,
Mil obsequios amante lhe renovo,
E ao generoso, e fiel Juiz do Povo.

NA FELICISSIMA INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE DE ELREY NOSSO SENHOR DOM JOSÉ I.

DO POVO A ELREY.

O D E.

DO mais alto lugar, onde a Virtude
Hoje te eleva além da Mageſtade,
Ouve, em eſtylo rude,
Por voz da lealdade,
Deſuſados louvores,
Que não tiveram teus Predeceſſores.
Revolva o Mundo todo
Os Faſtos dos antigos Soberanos,
Quaes foram, porque modo
Gregos, Aſſyrios, Perſas, e Romanos:
Tempos de horror, e ſuſto!
Não he aſſim o de JOSÉ Auguſto.

Por

Por Mares não trilhados
Domar eſtranha gente, em terra eſtranha;
Ter eſcravos forçados
Pelo medo, não he gloria tamanha,
Como he em paz ſegura
Fazer dos teus Vaſſallos a ventura.
O Povo, que ganhava,
Mais do que hum nome vão, huma vã gloria?
E era o preço, que dava
Por huma eſteril, horrida memoria,
Lagrimas amargoſas
De pais, de irmãos, de filhos, e de eſpoſas.
Em quanto eſtranha gente
Vinha tirar de nós noſſa riqueza,
Por eſſes dons ſómente,
Que não nega á cultura a Natureza.
Co' o fumo de acções nobres
Não nos viamos nús, miſeros, pobres.
O ouro das noſſas Minas
Por noſſas mãos paſſava ás mãos alheias:
Eram noſſas Campinas
Em vês de trigo, ſó de abrolhos cheias:
Sem util exercicio
Creſcia em nós com a pobreza o vicio.
Quando a mortal doença
Sobre teu Pai os golpes repetia,
E que á tua preſença
O noſſo pranto, a noſſa dor ſubia,
Já então te enſaiavas,
E fazer-nos ditoſos procuravas.

Eſcolhes quem te ajude
Para a ſublime, glorioſa empreza;
Varão de sã virtude,
D' alma, que ſó te cede na grandeza,
Por quem Luiz Famoſo,
Inda tendo a Colbert, fora invejoſo.
O plano ſe deſenha;
Principia-ſe aſſim difficil obra.
Auguſto REY ſe empenha,
A quem perigo, e ſuſto não ſoçobra:
He o Illuſtre CARVALHO
O digno Executor de hum tal trabalho.
O ſeu raro talento
Já Londres admirou, vio Alemanha;
O ſeu merecimento
O Mundo já conhece, e não o eſtranha.
Muſas, vós o educaſtes,
Para tanto he que vós o preparaſtes.
Povo, felice Povo,
Começa noſſo bem, noſſa ventura:
Novas Leis de REY novo
Sabio Miniſtro próvido as ſegura.
Vós, Regiões aduſtas,
Voai a receber as Leis mais juſtas:
Não he a violencia,
He a razão quem marcha a ſujeitar-vos;
E por conveniencia
Vinde a ſeus Reaes pés, vinde proſtrar-vos:
Chegai, e vós vereis
Hum Pai, que nos naſceo dos noſſos REYS.

Ge-

Gemes com o tributo,
AMERICA? O teu REY o faz mais leve.
Ó ASIA, eu bem te escuto,
Já vais cobrar o que perdido esteve.
AFRICA está contente;
Honra-se, como a mais, a adusta gente.
Concidadãos, Patricios,
Lançai a vista a huma, e outra parte,
Vede uteis exercicios,
A que convida a apurada Arte.
Já o experto Negocio
Affugentou o mole, o indigno ocio.
Margens do largo Téjo,
Sobre quem Ceres os seus dons entorna;
As grossas Náos eu vejo,
Em que o Commercio vai contente, e torna.
Mão habil, e mão prompta
Fórma a invenção, que o Vento, e o Mar affronta.
O martello pezado,
O ardente metal duro bate, e abranda.
E o ferro amolado
Sobre os madeiros, sobre as pedras anda.
A força, a habilidade
Trabalha, e fórma assim gentil Cidade.
O Montanhez agreste
Traz a lã, que tirou ao seu rebanho;
He ella quem nos veste,
Sem que a prepare algum Artista estranho.
O insecto industrioso
Para o fausto nos dá fio lustroso.

Trepai, ó fertil vide;
Por vós nos vem buſcar Nações inteiras:
Cubrindo a terra ide
Do negro fruto, ó verdes oliveiras.
Na fecunda ſeára
Quanta abundancia Ceres nos prepara!
O Povo ſe exercita
Neſtas, e n'outras couſas, e enriquece;
O REY lhas facilita,
E a abundancia cada vez mais creſce.
Por tantos beneficios
Quaes devem ſer do Povo os ſacrificios?
Huma Eſtatua elevar-te
He a que chega a força dos humanos;
E aos vindouros moſtrar-te,
Inda a pezar dos gaſtadores annos,
Com que o tempo voraz tudo conſome,
Porque reſpeitam tua Gloria, e Nome.

O D E.

SE a altiva Roma chora derrotados
Tantos troféos guerreiros
Com ſoberba arrogancia levantados
De Póvos mil inteiros
Sobre eſtragos, ruinas, mortandades
Das vencidas Provincias, e Cidades;

Se do Egypto as Pyramides erguidas
Com ſuſpiros ardentes,
Cuſtando tantas lagrimas e vidas,
Ás ſubjugadas Gentes,
Apenas na memoria hoje exiſtem,
E do tempo ás injúrias não reſiſtem;

Se do fulgente Apollo o Grão Coloſſo
Do Mundo maravilha,
Não eſcapou dos annos ao deſtroço
Lá neſſa Grega Ilha,
E ſó ſervio de dar mudas lições
Á ſoberba de humanos corações;

Não ſervem, não, de temeroſo exemplo
Á perduravel Gloria
Do Auguſto REY, que hoje ſubindo ao Templo
Da immortal Memoria,
No bronze, que retrata a Mageſtade,
Adorado ſerá em toda a idade.

Não tem por baſe o illuſtre Monumento
Alheias deſventuras;
Só lhe ſervem de firme fundamento
As proſperas venturas
Do Luſo Povo, e a doce paz tranquilla,
Qual a Roma não deo Ceſar, ou Scylla.

Levante pois feſtiva a Luſa Gente
Até o Ceo ſem ſuſto
Eſſa famoſa Eſtatua ao REY clemente,
E de CARVALHO o Buſto;
Pois que eterna ſerá, e perduravel,
E aos eſtragos do Tempo incontraſtavel.

Embora os monumentos erigidos
A féros vencedores
Nas ruinas ſe vejam convertidos
De que foram authores:
Que os que ſe erguem da Patria aosPais mais ternos,
Como os Deoſes, que imitam, são eternos.

POR-

PORTUGAL TRIUNFANTE
NO DIA DA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DO NOSSO
MONARCA FIDELISSIMO
DOM JOSÉ I.
ODE.

ENTOE a Fama no clarim verboſo
De Portugal a gloria;
Hoje adornada do Apollineo Louro,
A fronte encanecida,
Empunho o aureo Sceptro ſobre o Throno;
Do meu brilhante Imperio,
Do meu amado Heróe, do REY Invicto
Corro ao Triunfo.
   Á ſua Effigie, que o reſpeito influe,
Reverente me proſtro,
He de fulgida esfera Aſtro luzido,
Onde a luz reverbera.
   As Inſignias Reaes, famoſas Quinas,
O invencivel Elmo
Ao Alto REY, que a gloria me conſerva,
Humildemente offereço.
Da Juſtiça as próvidas balanças,
A eſpada cortadora,

Pa-

Para ſinal do meu amante culto
Aos Reaes pés conſagro.
  Por eſte Grande REY, por eſte aſſombro
De Virtudes famoſas,
A minha fama ha tanto reſplandece
Entre as Nações do Orbe:
Elle mudou a face decadente
De Portugal afflicto;
Os effeitos da horrida deſgraça
Valente abate, e doma;
Ás Artes Liberaes, nobres ſciencias,
Deo a mão portentoſa;
O reſpeito do meu famoſo Nome
O meu Heróe augmenta;
Elle Benigno, Sabio, Invicto, Affavel
Os ſeus Vaſſallos ama.
  A Juſtiça conſerva com cuidado
Á proporção devida,
Á cara Patria, em cujo amor ſe inflamma,
Immenſos bens lhe attrahe,
Da Benignidade a chamma ardente
No coração ſuſtenta;
He Liberal, Magnanimo, Piedoſo
Em gráo incomparavel;
As Artes Liberaes tem protegido
Com premios animado;
A douta Mathematica ſe augmenta;
O Commercio florece;
A Hiſtoria ſe eſtuda com diſvelo;
E a nobre Arquitectura;

As obras do pincel fazem ciume
Aos célebres Romanos;
São tantos da Efcultura os feus primores,
Como confeffa o gofto:
O meu Heróe, Monarca inimitavel,
Delicia dos meus annos,
Tem feito ao noffo Imperio tão ditofo,
Tão diftincto fe moftra,
Que entre os Reinos, onde a Gloria fe ama,
Tem o lugar primeiro.

Elle incanfavel os monftros mais ferozes,
As implacaveis Furias
Deftructoras do Público focego
A Dura Cervís calca;
A Difcordia incanfavel tem domado,
O Furor abatido,
E defterrado a Ignorancia torpe,
E a negra Hypocrifia:
Do feu grande Poder eftes defpojos
Lhe levo em Sacrificio,
Porque no Dia que o prazer refpiro,
O feu Valor fe veja.

Fama immortal do meu Heróe fublime,
Não cales o feu Nome,
Publíca pelo Mundo, onde já foa
D. JOSÉ PRIMEIRO:
Leva nas tuas azas tão velozes
Dos Lufos o Portento
Ás incognitas terras, que atégora
Ignoram, que ha mais gentes.

APOL-

APOLLO
VEM NO SEU CARRO FESTEJAR O FAMOSO DIA DA
INAUGURAÇÃO
DO NOSSO FIDELISSIMO MONARCA
DOM JOSÉ I.

ODE.

DO meu facundo Coro, ó Deoſas bellas!
Cujos gentís ſemblantes
Formoſos, e brilhantes,
Que adornados das metricas capellas,
Lançam mais reſplendor do que as eſtrellas,
  Meneem voſſos dedos cryſtallinos
Os ricos plectros d' ouro:
Cingi o ſacro louro,
Para poder cantar alegres hymnos,
Altiſonas Cançóes, metros Divinos.
  Eu tómo a minha Lyra refulgente
Já prompta, e affinada,
E a fronte enramada,
Da minha ingrata Dafne, docemente
Cantarei, e o Heroe da Luſa gente.

Vós

Vós ſabeis, lindas Muſas, quantas vezes,
Por ſer maior a gloria,
Não cantei á Memoria
De fortes malhas, bellicos arnezes,
Só por cantar ao REY dos Portuguezes.
Já tenho prevenida a branca Aurora
Neſte formoſo Dia
Por moſtras d'alegria,
Que lance hum freſco orvalho ſem demora
Sobre o regaço da eſmaltada Flora.
Do meio dia o ſeu calor ardente
Farei que ſe modere,
Que a Tarde não ſe altere,
Antes por hum applauſo reverente
Muitas horas de luz ainda accreſcente.
A Noite macilenta, que disforme,
Envolta em negro manto,
Serve aos mortaes de eſpanto;
Porque a tanto prazer ſeja conforme,
Eu farei, que no dia ſe transforme.
Cada huma de Vós o plectro tome,
Ás cordas d'ouro o applique,
Nobres acções publique,
Que o tempo gaſtador nunca conſome,
E cantai do Monarca o excelſo Nome.
Cantai ao noſſo Heróe, JOSÉ Invicto,
Benigno, Piedoſo, e Juſto,
Mais Sabio do que Auguſto,
Mais do que Numa no reger Perito,
Mais clemente, que o piedoſo Tito.

Elle he mais que Alexandre generoſo,
Do que Pompeo amavel,
Mais que Dario affavel,
Mais que Cyro prudente, e valeroſo,
E mais que Ceſar nas acções famoſo.

SO-

SONETOS
EM APPLAUSO
A'
MEMORIA
D'ELREY NOSSO SENHOR
NO DIA
EM QUE A NAÇÃO AGRADECIDA
LHE LEVANTOU HUMA
ESTATUA EQUESTRE.

I.

NAs Hespanhas fundou em tempo antigo
Ulysses a Cidade mais formosa,
Porque fosse da Grecia vigorosa
Feliz habitação, vivo jazigo.
Passou depois a ser patrio abrigo,
Da Gente Lusitana belicosa;
Fez-se em Letras, e Armas tão famosa,
Que sempre desprezou qualquer perigo.
Hoje a Figura Equestre, que presente
Se vê, e a do MARQUEZ, que he do POMBAL,
Nome lhe deixaráõ mais permanente.
A Memoria será sempre immortal
Do Senhor mais famoso, e mais Potente
REY PRIMEIRO JOSÉ de Portugal.

II.

DE quem será, de quem? o insigne Busto,
Empenho nobre do buril perito:
Chega ao perto, e verás, que em mudo grito
Te diz seu nome o pedestal robusto.
Chega-te, Hospede, a ver, chega sem susto,
Que esse REY, cujo Nome vez escrito,
Se em clemencia, e piedade iguala a Tito,
Em magnanimidade excede a Augusto.
Essa Imagem, que o Bronze representa,
He de hum REY o maior, que Lizia acclama,
Dobra o joelho, e depois te ausenta;
E se queres saber como se chama
Aquelle Heroe, que as Armas lhe sustenta,
Vai girar pelo Mundo, e escuta a Fama.

III.

GEmem da terra as intimas entranhas,
Opprimidas co' pezo desmedido,
Que o genio da Nação agradecido
Para memoria põe d' altas façanhas.
Distantes Póvos, Regiões estranhas
Ouvem da Fama o Éco repetido,
E as Cabeças ao som forte, e temido
Abaixam respeitosas as Montanhas.
Detem-te hum pouco, e vê, ó Passageiro,
O Retrato do amor, e da ternura,
Do Pai da Patria, de JOSÉ PRIMEIRO;
Que quer deixar assim sua Figura,
Para ser hum exemplo verdadeiro
Da Virtude, Constancia, e da Ventura.

IV.

O Mez, que pelo meio o anno córta,
E a quem faz sempre Cancer companhia,
Nos mostra alegre o glorioso dia,
Que deixa á Lusa gente em pasmo absorta.
Sem a triste empulheta, e a foice torta
O Tempo vem guiado da Alegria;
Vem com a Irmã cantando a Poesia,
Que os corações até ao Ceo transporta.
A Lusa gratidão de hum modo agudo,
Este dia feliz distingue, e marca
Com Monumento, que se explica mudo;
Em quanto o Nome do maior MONARCA
Espalha a grande Deosa, que diz tudo,
Por quanto o Sol rodeia, e o Mar abarca.

V.

V.

QUem ler de Portugal a antiga Hiſtoria,
Nella verá Monarcas celebrados,
Huns pelas Armas foram decantados,
Outros pelas Leis conſervam a memoria.
Todos reináram com immenſa gloria;
Pelos Póvos ſe víram ſempre amados,
E dos proprios reſpeitos animados,
Conquiſtas alcançáram com victoria.
Mas vermos hum ſó REY hoje o Primeiro,
Nas Armas, e nas Letras ſem ſegundo;
Sendo gloria, he goſto verdadeiro.
Nas Leis, moſtra o Juizo mais profundo;
E quem Sabio governa ſempre Inteiro,
Mil Eſtatuas merece em todo o Mundo.

VI.

NÃo he do Grande Henrique, ó Caminhante,
Ou de hum dos ſeis Affonſos a Figura,
Lembrar Fernando, e os Sanchos não procura,
E nem Diniz, bem que o Mondego o cante;
Não he d'algum dos Pedros o ſemblante,
Que a Arte déſtra a imitar ſe apura,
Nem Manoel, o Amado da ventura,
E nem Duarte da Sciencia amante.
Não do Guerreiro REY, que nos deo ſuſto,
Nem do Velho tirado do Moſteiro,
Nem dos ſinco Joões qual mais Auguſto:
Olha em roda do Inſigne Cavalleiro,
Proſtra-te, adora o Pai da Patria, o Juſto,
REY de Fama immortal, JOSÉ PRIMEIRO.

VII.

SE revolvo os Annaes da antiga Idade,
Se as Heroicas Façanhas leio ás vezes,
Então vejo aos Monarcas Portuguezes
Aſſombrar com Acções a Humanidade.
Diſtinctos pelo Sceptro, e Mageſtade,
E na douta Minerva, e nos Arnezes,
Não invejam dos bons Carthaginezes,
Nem da Grecia, e da Roma a Heroicidade.
Portugal, não he bem que tanta gloria,
Adquirida, e ganhada no Orbe inteiro,
A reduzas ſómente a huma Hiſtoria:
Se queres dar por todos verdadeiro
Retrato, dá ao Mundo huma Memoria
Do Pio, do Immortal, JOSÉ PRIMEIRO.

VIII.

A Filha da Diſcordia, que os Humanos
Arma contra ſi meſmos, e revolta,
Ergue-ſe ao Ar, as negras azas ſolta,
E foge dos felices Luſitanos:
A Morte, o Medo, a Fome, e os inſanos
Vicios, de que ella fórma ſempre eſcolta,
Para outra parte muito longe volta,
E deixa de JOSÉ em paz os annos.
Então com as Virtudes ſacra Aſtréa,
Que no ſeu coração reinando fica,
Derrama os bens, de q' hoje Liſia he chea:
Africa, Aſia, e tu mais nova, e rica
Parte do Mundo, que Elle ſenhorêa,
Publicai o que Europa aſſim publíca.

IX.

IX.

AQuelle, que se offrece por modêlo
A estranhos, e vindouros Soberanos,
He JOSÉ Grande REY dos Lusitanos:
Correi, ó Póvos, a adorallo, e vello.
Amor, Justiça, Piedade, e Zelo
O distinguíram d'entre os mais Humanos;
Assim aos que hão de vir remotos annos
Lisboa agradecida ha de dizello.
E aquelle, que no Busto está presente,
He o Illustre CARVALHO: ide admirallo,
Fiel Ministro, Sabio, e Diligente:
Comvosco, que me ouvís, comvosco eu fallo;
Daquelles dous se póde juntamente
Aprender a ser REY, e a ser Vassallo.

X.

A Tradição nos conta honrados feitos
De Heroes famigerados pela Historia;
Mas se ás nobres acções lhes dá a gloria,
Tambem lhes não occulta os seus defeitos.
Huns á torpe ambição foram sujeitos,
Outros ímpios, ferozes por vangloria,
Só do Grande JOSÉ fica a Memoria
Para modêlo dos Heroes perfeitos.
Ditoso Portugal, nesta adoravel
Memoria, que se erige ao nosso Augusto,
Ficará o teu nome perduravel.
Se os Antigos Heroes tem nome injusto,
O Grande REY, Monarca incomparavel,
He Benigno, he Piedoso, he Sabio, he Justo.

XI.

SOberano REY, ſe a voſſo excelſo Nome
A Patria lhe erigio troféo tão juſto,
Foi huma pervenção do amante ſuſto,
Porque ao tempo voraz os paſſos tome.
Elle o marmore abate, e o ferro come,
E deſtroe o penhaſco mais robuſto;
Mas hum nome immortal, hum nome Auguſto,
Nenhum tempo o desfaz, nada o conſome.
O noſſo grande amor já não preciſa
Alcançar para a fama eſta victoria,
Que hum REY por Sabio, e Juſto ſe eterniza:
Se as virtudes, SENHOR, são voſſa gloria,
Quem de egregias acções ſe immortaliza,
Em ſi meſmo ſe erige Alta Memoria.

XII.

NÃo cuides, ó meu Rey, q'eu te repito
Entre amor, e reſpeito, goſto, e ſuſto
Fracas comparações do altivo Auguſto
Do Sabio Julio, do Piedoſo Tito;
Que o louvor, que dos outros anda eſcrito,
A ti, que mais mereces, eu o ajuſto:
Se meditára aſſim, eu fora injuſto,
Muito maiores couſas eu medito.
Se aquelles Grandes Homens tem ſubido
Da alta Memoria ao perduravel Templo,
E de modêlo a outros tem ſervido;
Tu, que maior do que elles eu contemplo,
O que ha nos mais diſperſo tendo unido,
Serás hum novo, e nunca viſto Exemplo.

XIII.

XIII.

ERa huma vez hum REY, e era huma vez
A Fama com cem bocas, e hum clarim,
O REY era animado Serafim,
E que tinha ao ſeu lado hum bom MARQUEZ.
Eſte, por ſeu amor, toma, e que fez?
Porque o Nome do REY não tenha fim,
Levantou-lhe hum troféo; e quanto a mim,
Chegava ás nuvens por hum és não és.
Com que tal, ſim ſenhor, para cantar
A Fama, ſe diſpunha mui civil
As acções do MONARCA ſingular;
Mas diz-lhe o bom MARQUEZ: Fama gentil,
Preciſas, ſe o meu REY queres louvar,
Em lugar de cem bocas, ter cem mil.

AO ILLUSTRISSIMO,
E EXCELLENTISSIMO SENHOR
MARQUEZ DE POMBAL,
CONDE DE OEYRAS,
MINISTRO,
E SECRETARIO DE ESTADO
DOS NEGOCIOS DO REYNO,
&c. &c. &c.

SONETO.

ALto Marquez, e da Juſtiça Eſcudo,
Firme Columna deſte novo Imperio;
Singular a meu ver no Magiſterio,
Prudente no conſelho, Sabio em tudo.

Das voſſas acções eſſe Bronze mudo,
Pregoeiro ſerá neſte Hemisferio;
E ſubindo o louvor até o Etherio,
Por termo parará no ponto agudo.

Só Vós podieis ſuſtentar ufano
O pezo grave de hum poder Altivo,
Diſcreto, Affavel, Piedoſo, Humano.

Ficará voſſo Nome ſempre vivo,
E diremos, que foſtes ſem engano
Nos Triunfos do REY ſempre exceſſivo.

AO

C775 71-112
N234d R.B.Rosenthal
15 Sept 70

AO SENHOR BARTHOLOMEU DA COSTA,

BRIGADEIRO DA ARTILHERIA, &c. &c. &c.

SONETO.

DE entre a tremula, roixa labareda,
Globoſo eſpeſſo fumo os ares fende
No lugar, em que activo genio emprende,
Que o metal duro a ſeu arbitrio ceda;

Porque tudo com ordem lhe ſucceda
A toda a parte olha, a tudo attende;
Ora modera o fogo, ora o accende,
Não quer que diminua, nem que exceda.

Abre os ductos, e o bronze com brandura,
E huma fluidez, digna de eſpanto,
Occupa o molde, forma-ſe a Figura.

Genio ditoſo, que pudeſte tanto,
Moſtra glorioſo a energica Eſtructura,
Que eu, depois de a adorar, teu nome canto.

FIM.

VI/70 [illegible]